



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A Doença de Alzheimer: controvérsias, velhice e esquecimento na mídia impressa.¹

Maria da Graça Bernardes e Silva²

Fundação Universidade Federal de Rondônia e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Maria da Graça Bernardes e Silva é doutoranda da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, no curso de ciências da comunicação, em fase de conclusão de trabalho, sob a orientação do Prof. Dr. José Luís Proença (matrícula USP 4967138). É também professora assistente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Rondônia, curso de jornalismo. Prêmio Intercom 2003, categoria dissertação de mestrado/jornalismo. bernardesesilva@gmail.com

Resumo

Tendo como pressuposto a Doença de Alzheimer – uma doença cerebral degenerativa primária e de etiologia desconhecida que acomete potencialmente indivíduos acima de 65 anos de idade – este artigo destaca a importância da divulgação científica no âmbito de um assunto que ainda é mistério para a ciência e para o jornalismo. A mídia impressa desempenha um papel importante na compreensão de significados, especialmente aqueles referentes ao risco de adoecimento. A Doença de Alzheimer é analisada na cobertura jornalística feita por um jornal moderno, no caso a Folha de S. Paulo, no período de 2000 a 2005.

Palavras-chave

Doença de Alzheimer; Divulgação científica; jornalismo e saúde; idosos; memória;

1. Tempo e memória

O tempo, mestre das possibilidades. Artífice do esperado e do inesperado. Para ilustrar tão importante assunto, fazemos uma breve incursão ao mundo das letras. Especificamente à literatura do escritor argentino Jorge Luis Borges. Com suas

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica

² Maria da Graça Bernardes e Silva é doutoranda em ciências da comunicação da Escola de Comunicações e Artes (Eca)/USP. É professora assistente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Rondônia, curso de jornalismo. Prêmio Intercom 2003, categoria jornalismo/dissertação de mestrado. bernardesesilva@gmail.com



perspectivas universais, o traço pessoal e inimitável. Faz-nos compreender, por meio de sua literatura, que o tempo é uma “ilusão”.

Assinalamos a história narrada pelo escritor quando de sua visita a Barracas³. Borges descreve magicamente, em detalhes de narrador aguçado, a caminhada que fez ao acaso, após o jantar, por uma rua de “barro elementar” e de “casas baixas”. Naquele lugar, entregou-se às recordações. Experimentou a sensação de que tudo que estava naquele cenário simples era intemporal.

O tempo é facilmente refutável quando as emoções brotam. Quando estamos dentro do domínio da experiência pessoal, há uma qualidade irreal sobre a mensuração objetiva do tempo medida pelo relógio. A experiência pessoal nos leva a uma ordem subjetiva de tempo.

É por isso que quando experimentamos sensações agradáveis, tem-se a impressão que o tempo passou de forma rápida. Ao contrário, quando experimentamos situações desagradáveis, tem-se a impressão que o tempo não passou.

Se o tempo pode ser driblado pela emoção, não o é pela ciência. A passagem do tempo, por exemplo, pode ter a ver com o funcionamento do cérebro humano. Nele, especificamente no córtex - o centro cerebral que governa a percepção, a memória e o pensamento consciente - há um relógio preciso que ajuda a identificar períodos de tempo – de segundos a horas. É o relógio de intervalo, uma espécie de “cronômetro do cérebro”.

Vamos recorrer novamente à literatura de Borges. Desta vez, ao seu personagem “Irineu Funes”⁴ que além de exímio peão, possuía uma memória prodigiosa. O autor que o conheceu ainda jovem, o chamou de o “cronométrico Funes”. Um de seus vários dotes intelectuais era o de intuir as horas como um relógio.

O personagem “Funes” enriquece duplamente este artigo. Por meio de sua talentosa memória – era capaz de lembrar pormenores e resgatar coisas no tempo – podemos sublinhar a importância do fator tempo no mundo atual: instantâneo, “contínuo”, presente e suas implicações com o jornalismo. A memória de Funes – que muitas vezes

³ Barracas, bairro tradicional de Buenos Aires. Reverenciado por vários escritores argentinos. O relato faz parte do livro *El idioma de los argentinos*, de 1928. Borges no texto “sentirse em muerte” fala sobre a eternidade. BORGES, Jorge Luis. *História da Eternidade*. São Paulo: Editora Globo, 2001.

⁴ *Funes, o memorioso*. 1944.

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*, volume 1, 1923-1949. São Paulo: Editora Globo, 1998.



ficava sobrecarregada com tantas informações - é usada também para introduzir um assunto complexo, cujo teor não é de ganho, mas, de perda de memória.

O foco é a Doença de Alzheimer⁵, equivocadamente chamada pela mídia brasileira de “mal” de Alzheimer, cuja referência, sem dúvida, é mais forte e sensacionalista. O tempo, por sua vez, é gradativamente esquecido pelos portadores de DA que também ficam desorientados em relação ao espaço.

1.1 O quadro crescente da Doença de Alzheimer no Brasil

Desde os estudos do médico alemão, Alzheimer,⁶ e sua descrição de DA, a partir da sua paciente, Auguste D⁷, há quase cem anos, a ciência tem pesquisado muito. No entanto, as causas da doença ainda são desconhecidas. A cura para a DA ainda não foi descoberta.

A idéia de Latour (2000),⁸ sobre a “caixa preta” , referindo-se aos conhecimentos aceitos e que balizam os estudos científicos, pode muito bem ilustrar o que representou recuperar os arquivos⁹ do Dr. Alzheimer sobre a sua mais ilustre paciente: Auguste D.

Considerada uma doença potencialmente de idosos e por isso mesmo, estigmatizada, o que faz com que seja popularmente conhecida como “caduquice” ou “maluquice”.

⁵ Será utilizada DA para designar a Doença de Alzheimer (*Alzheimer Disease*).

⁶ Alois Alzheimer nasceu em 14 de junho de 1864, em *Marktbreit*, Alemanha. Iniciou sua carreira médica em 1888, como residente do Hospital de *Frankfurt*, Alemanha, para doentes mentais e epiléticos. Em 4 de novembro de 1906, Alzheimer descreveu pela primeira vez, a forma de demência que mais tarde ficou conhecida como doença de Alzheimer. Em 1907, publicou um artigo sob o título, “As sérias características da doença do córtex cerebral”, em que descreve o caso de sua paciente Auguste D, sem identificá-la, como uma mulher de 51 anos, e , que apresentava como os primeiros sintomas da doença, um forte sentimento de ciúme pelo marido. O quadro evoluiu de forma rápida para a confusão mental.

⁷ Auguste D era de *Frankfurt*, Alemanha. Foi internada no Hospital de *Frankfurt* no dia 25 de novembro de 1901, quando foi examinada pelo Dr. Alzheimer. Apresentava um quadro de confusão mental com perda de memória, desorientação, depressão e alucinações. Morreu em 8 de abril de 1906, no mesmo hospital. Foi feita autópsia de seu cérebro que apresentava degenerações neurofibrilares e formação de depósitos de material celular ao redor dos nervos cerebrais, descritas pelo Dr. Alzheimer como placas senis.

⁸ LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

⁹ O arquivo contendo as informações sobre Auguste D ficou perdido por um longo período. Foi achado em *Frankfurt*, em dezembro de 1995. O arquivo de 32 páginas guardava informações sobre a internação, evolução da doença, diagnóstico e posterior morte da paciente, além de três versões para o caso – uma manuscrita em latim e duas manuscritas em *sütterlin* – escrita ensinada nas escolas alemãs na primeira metade do século XX. Junto aos manuscritos do Dr. Alzheimer estavam também quatro fotos de Auguste D.



O seu diagnóstico não é simples e está atrelado ao método clínico. Sobre o assunto, Spoerri (2000),¹⁰ define como a observação de casos particulares, ou seja, na observação do comportamento externo e da vivência interna de cada paciente.

O desconhecimento das causas e sintomas desta doença faz com que surjam muitas dúvidas e enganos por parte dos familiares, que acabam atribuindo a significativa perda de memória aos sintomas típicos da velhice.

Se por um lado, com o decorrer da idade, há uma perda de memória, o déficit de memória apresentado pelo idoso, muitas vezes, é confundido com demência¹¹. Por outro lado, há um aumento significativo dos casos de demência com a idade, principalmente no grupo dos muito idosos que pode adquirir proporções epidêmicas¹².

De acordo com Ramos e Macedo (2006),¹³ a demência do tipo Alzheimer corresponde a mais de 50% do total das demências; seguida pela demência por doença vascular cerebral (17%); a combinação de ambas (25%). O restante dos casos se divide em outras possibilidades de demência.

Em relação à doença de Alzheimer, a mais prevalente das condições que causam demência, as estimativas são de que 5% a 10% dos indivíduos acima de 65 anos desenvolvam a doença. A incidência aumenta exponencialmente com a idade, chegando a afetar de 25% até 50% das pessoas acima de 85 anos.

1.2. O alto custo e a longa evolução da DA

A DA é uma doença de longa evolução, progressiva. De caráter neurodegenerativo e crônico. Também de alto custo. Para o idoso e seus familiares e para os países de uma maneira geral. Estima-se que mensalmente – apenas com a compra de remédios – seja desembolsado R\$ 500.00, em média, por idoso no Brasil. A Associação Brasileira de

¹⁰ SPOERRI, T.H. Manual de psiquiatria; fundamentos da clínica psiquiátrica. São Paulo: Editora Atheneu, 8ª.ed. 2000

¹¹ Do latim *dementia*. A CID 10 (Classificação Internacional de Doenças) define demência como: "síndrome decorrente de uma doença cerebral, usualmente de natureza crônica ou progressiva, na qual há perturbação de múltiplas funções corticais superiores, a começar pela memória, incluindo distúrbios do pensamento, orientação, compreensão, cálculo, capacidade de aprendizagem, linguagem e julgamento".

¹² Sem entrar nas questões no âmbito da disciplina, vale ressaltar que após a II Guerra Mundial, inicia-se a fase da epidemiologia de risco, quando o caráter individual é acentuado, ou seja, o risco passa designar probabilidades quantificadas de suscetibilidade individual a agravos, em função da exposição a agentes agressores ou protetores.

¹³ RAMOS, LR; MONTANÕ,MBM. Distúrbios da memória e demência. Revista Brasileira de Medicina, v. 57, p. 87-92, 2000.



Alzheimer (Abraz), estima que a população de idosos com DA seja de um milhão de pessoas, no País, atualmente ¹⁴.

De acordo com Forlenza,¹⁵ há pacientes que convivem até vinte anos com a doença que prejudica funções cognitivas como memória, capacidade de aprendizado, linguagem, atenção, capacidade visual e noção espacial.

A maior longevidade e o progresso da ciência, a última possibilitou o tratamento das doenças infecto-contagiosas, são responsáveis pela diminuição da mortalidade e consequentemente, promovem o incremento na população, inclusive de idosos.

Nas próximas décadas, o número de idosos que deverá procurar os serviços de saúde deverá ser cada vez maior. Sem dúvida, é um fator de desafio para o País, que terá de criar mecanismos para atender esta demanda, principalmente em relação à saúde pública.

Forlenza (2000), ¹⁶ressalta que com a evolução da doença a incapacidade de lembrança torna-se generalizada. Nos estágios iniciais, há perdas na fluência verbal, na capacidade de compreensão, erros de escrita e leitura.

Numa etapa avançada, a DA traz dificuldades de expressão, movimentação e poder de reconhecimento perceptivo sensorial. As alterações psíquicas e comportamentais ocorrem em até 75% dos casos, comprometendo a vida social e ocupacional. Os sintomas incluem quadros depressivos e psicóticos (alucinações e delírios), apatia, agressividade, agitação, condutas repetitivas, perturbações no ciclo de sono-vigília e mudanças nos hábitos de locomoção, como por exemplo, saídas a esmo e perambulações.

1.3. O grupo de idosos será de 34,3 milhões em 2050

A Síntese de Indicadores Sociais 2005 – com base nos dados do Programa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2004 - do IBGE, projeta uma população de 34,3 milhões de idosos¹⁷ em 2050 (13,2%) da população total, estimada em 258,8 milhões de habitantes. Os números foram comparados aos de 2004 que são os seguintes: o

¹⁴ Dados da Assessoria de Comunicação da Abraz repassados à pesquisadora em julho de 2006.

¹⁵ Orestes Vicente Forlenza é psiquiatra e pesquisador do Laboratório de Neurociências do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP. Entrevista concedida à pesquisadora em 4/08/06, em S. Paulo.

¹⁶ FORLENZA, O.V. Doença de Alzheimer. Disponível em: < <http://www.neurociencias.org.br> > Acessado em janeiro de 2006.

¹⁷ O IBGE ,sob o ponto de vista demográfico, define pessoa idosa como tendo 65 anos ou mais de idade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) propõe que, para países em desenvolvimento o limite etário seja de 60 anos ou mais de idade, prevalecendo o mínimo de 65 anos para os países desenvolvidos.



contingente de idosos com 70 anos ou mais de idade foi estimado em 7,7 milhões de pessoas (4,3%) da população total, calculada em 182 milhões de habitantes.

2. A Doença de Alzheimer e sua incursão no jornalismo impresso

O jornalismo impresso brasileiro desempenha um importante papel na divulgação de científica sobre DA. O caráter parcial dos estudos das ciências com a práxis dos meios de comunicação¹⁸ - buscar incessantemente a novidade e traduzi-la numa mensagem compreensível- acabam por tornar complexas e polêmicas as questões inerentes à produção de pesquisas científicas.

Os objetivos da ciência e do jornalismo são diferentes. Com a gradativa especialização da ciência e o hermetismo de sua linguagem, há necessidade de “tradução” do conteúdo científico para a compreensão do interesse público. Há atritos entre as duas modalidades. O jornalismo depende da circulação rápida de informações e a ciência e tecnologia depende de um complexo processo de maturação para a divulgação de seus resultados. As pesquisas, principalmente às relativas à saúde, ganham destaque na mídia porque as pessoas desejam saber o que a ciência tem a dizer a respeito.

Ao repercutir as controvérsias da ciência como fatos verdadeiros e definitivos, a mídia adiciona elementos explicativos da vida cotidiana em seu esforço diário para compreender a sociedade em que vivemos.

Este artigo propõe-se a examinar a cobertura jornalística de DA por um importante jornal diário, a Folha de S. Paulo, fundado em 19 de fevereiro de 1921.¹⁹ A pesquisa extensa, compreende o período de 1 de janeiro de 2000 a 31 de dezembro de 2005, portanto mais de cinco anos.

Este estudo mostra a percepção da pesquisadora sobre como a DA tem sido apresentada aos leitores brasileiros por um jornal moderno. O objetivo deste trabalho é entender as notícias do modo como são, ou seja, fazendo parte de uma rotina industrial e sincronizada no tempo.

¹⁸ Meios de comunicação entendidos como manifestações simbólicas de um esforço coletivo para interpretar a realidade.

¹⁹ FSP como referência ao jornal Folha de S. Paulo.



Com a feitura do jornal de publicação diária, no século XIX, o compromisso do jornalismo moldou-se aos temas de interesse de muitas pessoas que também passaram a discuti-los na esfera social.²⁰

2.1 Os objetivos específicos da pesquisa

É de suma importância levar em consideração o tratamento dado pelo jornalismo em relação à DA. As questões analisadas, neste artigo, são as seguintes: sendo a DA uma doença global, quais as definições emitidas pelos jornalistas a respeito da doença? O tempo tem influência nas notícias sobre DA? Quando é que é escolhida a DA como notícia? As notícias sobre DA são uma reação a acontecimentos específicos? Quem são os principais agentes nas notícias sobre DA?²¹

2.2 Métodos da pesquisa

Foi utilizada a metodologia de análise de caso. A Folha de S. Paulo foi o jornal escolhido, principalmente porque é um jornal diário de referência para os leitores em todo o País. Publica matérias pautadas pelo próprio jornal e também de agências internacionais e algumas vezes também, publica dados de periódicos científicos.

Algumas dessas matérias fazem referência às publicações científicas como *The Lancet*; *Journal of the American Medical Association*, *Scientific American*, por exemplo. A importância destas publicações na área médica é medida pelo *Institut for Scientific Information (ISI)* que avalia todos os periódicos científicos indexados utilizando o fator de impacto, anualmente.

Foram selecionadas todas as matérias que traziam referência à DA- notícias, notas, artigos, editoriais, cartas, entrevistas, artigos de opinião, eventos, fotografia – todo o

²⁰ No sentido ético-político dos indivíduos como membros de uma sociedade democrática. Molotch e Lester (1993), inserem o jornalismo no âmbito público. MOLOTCH, Harvey, LESTER, Marilyn. “As notícias como procedimento intencional. Acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos”. In.: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. Questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993: 34-51.

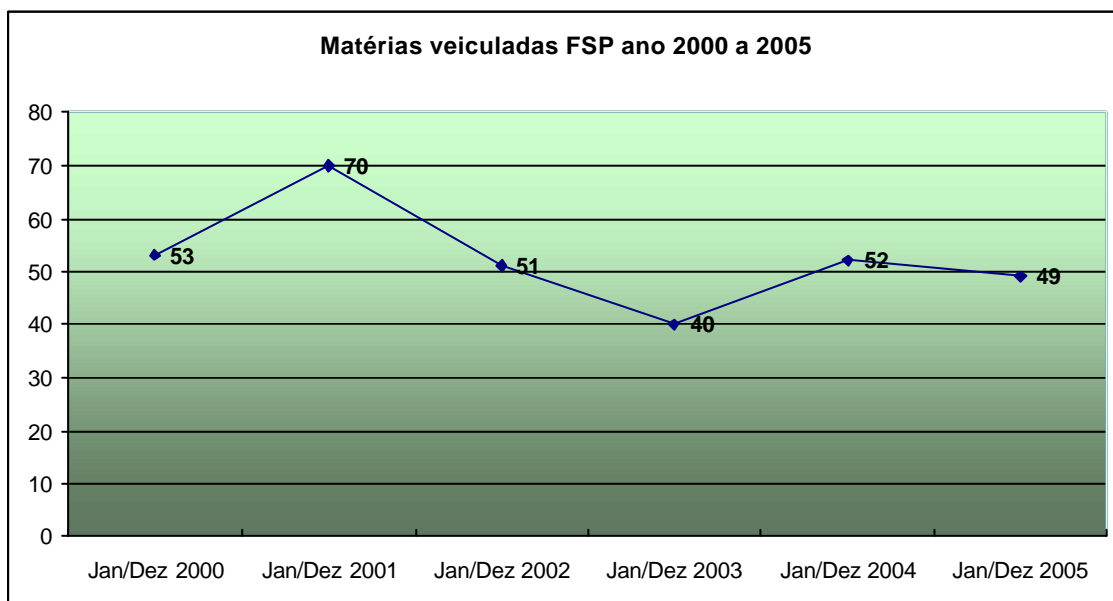
²¹ O professor português Nelson Traquina fez um estudo sobre a AIDS no jornal Diário de Notícias de Portugal durante mais de uma década – de 1981 a 1991. O estudo da questão AIDS oferece semelhanças e contrastes em relação ao de DA, embora as doenças sejam diferentes. Além disso, Traquina utiliza de forma análoga, o estudo de *Rogers, Dearing e Chang* (1991), utilizado na cobertura americana sobre a AIDS. TRAQUINA, Nelson. A problemática AIDS: Acontecimentos, notícias e “estórias”. In: O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo, RS: editora Unisinos, 2001, p 129-168.

material publicado de 1 de janeiro de 2000 a 31 de dezembro de 2005. O corpus da pesquisa é formado pelo total de 314 referências, sendo 53 em 2000; 69 em 2001; 51 em 2002; 40 em 2003; 52 em 2004; 49 em 2005. Não foi incluída a publicidade.

Foi usada a análise de conteúdo para examinar o total de itens encontrados.

Cada item foi selecionado de acordo com os seguintes aspectos:

- 1) Gênero jornalístico²² (notícias, artigos, opiniões, cartas, editorial, entrevistas, legendas).
- 2) Localização no jornal (editoria, página, data).
- 3) Conteúdo da matéria (há conceitos de DA ou apenas referência rápida à doença, ou seja, há predominância ou não da categoria científica).
- 4) Natureza do assunto (acontecimento específico ou não).
- 5) Origem de dados (nacional ou internacional).
- 6) Fontes principais (matérias do próprio jornal; de agências internacionais; que usam as publicações científicas como referência, governo, universidades, biomédicos).



3. A DA na FSP de 2000 a 2005

²² As classificações de gêneros jornalísticos são objeto de debate constante. Utilizamos as padronizadas pelo jornalismo moderno, neste caso a FSP.



3.1 Panorama geral

Como se vê no quadro I, as notícias sobre a DA chegaram a apresentar declínio de 2000 em comparação com 2002, 2003, 2004 e 2005. Com exceção do ano de 2001, o maior pico registrado de notícias sobre a DA, com 70 referências. O menor pico foi registrado em 2003, 40 referências.

O maior número de notícias foi contabilizado no mês de agosto de 2001, 15. No mês de março de 2000, não houve referência à DA na FSP.

Interessante notar que o pico de notícias do mês de agosto de 2001, foi em razão, principalmente, de notícias sobre células-tronco embrionárias. E não especificamente sobre DA.

A questão suscitou diversas citações sobre DA, já que as pesquisas com células-tronco permitem estudos com células embrionárias no tratamento de diversas doenças. No entanto, a DA apenas é mencionada na maioria das notícias. É exibida como coadjuvante no mosaico de doenças à espera de solução pela ciência, com é o caso da doença de Parkinson e diabetes.

Podemos afirmar que a DA passa despercebida ou é esquecida pela FSP. Vejamos o quadro que será mostrado a seguir.

3.2. Panorama específico

São analisadas, especificamente neste item, por meio de análise de conteúdo, 14 matérias publicadas pela FSP no mês de agosto de 2001 e que representam o maior pico de audiência sobre a divulgação de DA no referido jornal.

Duas matérias foram publicadas em 1/08/01:

No caderno Ciência, sob o título: “Temor de eugenia influencia decisão na Alemanha”, de Isabel Gerhardt, da reportagem local. A matéria feita pela FSP é uma entrevista com Ludger Honnefelder, 65, diretor do Instituto de Filosofia da Universidade de Bonn e diretor-executivo do Centro Alemão de Referência de Ética nas Ciências Biológicas que esteve em S. Paulo no mês de agosto de 2001.

A segunda matéria, no caderno Ciência, sob o título: “EUA debatem clonagem no Congresso”, da redação com agências internacionais, é em torno dos debates para a criação de uma lei que permitirá ou não a clonagem de seres humanos.



Em ambas as matérias, a DA aparece sem definição, citada juntamente com a Doença de Parkinson e a diabetes. Nas duas matérias a DA é chamada por “mal de Alzheimer”.

Há duas matérias no dia 2/08/01:

No caderno Equilíbrio, de Karina Klinger, na seção “poucas e boas”, da reportagem local, é uma nota sobre um concurso de pintura e artesanato promovido pela Abraz.

A outra, publicada na coluna Opinião, sob o título “Clonagem Proibida”, refere-se à aprovação pela Câmara norte-americana de projeto de lei que proíbe todo tipo de clonagem humana. Opina que a aprovação dificulta as pesquisas científicas com células-tronco nos EUA e retarda também a cura para doenças como DA e Parkinson. A DA, mais uma vez, é chamada por “mal de Alzheimer”.

A matéria do dia 8/08/01, no caderno Ciência, da redação com base em dados da agência Reuters (inclusive foto), com o título “Médico defende clonagem humana na Academia de Ciências dos EUA”, diz que cientistas reunidos na Academia Nacional de Ciências dos EUA num clima de controvérsia, criticaram publicamente o projeto do médico italiano Severino Antinori de clonar seres humanos.

A matéria trata da clonagem embrionária em outros países e a redação da FSP repercute a questão no Brasil, inserindo a resolução do Conselho Federal de Medicina que proíbe a manipulação de material genético humano. A DA é citada - como “mal de Alzheimer” - juntamente com outras doenças.

No dia 9/08/01, no caderno Equilíbrio, sob o título, “Tipos e causas de insônia”, cita a DA - chamada como Alzheimer – no grupo das insônias secundárias – ligadas aos distúrbios psiquiátricos - que representam 30% a 40% dos casos diagnosticados. A matéria cita primeiro a doença de Parkinson e só depois a DA. As fontes da matéria são descritas no rodapé: Unifesp e neurologista Flávio Alóe, do HC.

No dia 11/08/01, no caderno Ciência, da redação com agências internacionais, com o título, “Decisão de Bush desagrada todos os lados” é uma matéria que trata da decisão do presidente norte-americano de limitar o financiamento federal à pesquisa com células-tronco embrionárias apenas às linhagens já existentes.

A matéria refere-se a DA como “mal de Alzheimer” e como uma das beneficiadas pelas pesquisas com células-tronco embrionárias. A repercussão no Brasil é com a pesquisadora da USP, Lygia da Veiga Pereira, que desenvolve trabalhos com células-tronco de camundongos e fala da decisão do presidente Bush.

Há duas matérias do dia 12/08/01:



Na seção Opinião, sob o título, “Oportunismo genético”, diz que o presidente Bush não vetou as verbas para a investigação científica com células originárias de embriões humanos, mas impôs tantas restrições ao seu uso que alguns pesquisadores já falam em quase-proibição. A matéria apenas cita a DA como sendo uma das doenças juntamente com a doença de Parkinson e diabetes beneficiada com esse tipo de pesquisa.

A outra matéria foi publicada no caderno Ciência, de José Reis, especial para a FSP, com o título, “Alumínio e doença de Alzheimer” – sendo a primeira vez, no mês de agosto de 2001, que a DA foi tratada como doença e não “mal”. A referência correta foi dada no título da matéria.

No entanto, na matéria, o jornalista refere-se a DA como “mal”. Também é a primeira matéria que trata exclusivamente de DA. Por isso mesmo, seu conteúdo está ligado aos acontecimentos do mundo científico, especialmente na área de pesquisas biomédicas. Também é a primeira vez que é citada como fonte um periódico científico, “*New Scientist*”.

O assunto do dia 19/08/01, é da seção “autores”, do caderno Mais, foi escrito pelo Slavoj Žižek, filósofo esloveno e professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, capital da Eslovênia, sob o título “Violência Emancipadora”. É sobre violência e diz que Andréa Yates que matou seus cinco filhos – em junho de 2001 nos EUA – cuidava do pai que era portador de DA.

No dia 25/08/01, na seção Opinião, D. Luciano Mendes de Almeida, sob o título, “Vida humana é sagrada”, faz referência a DA e a doença de Parkinson.

No dia 26/08/01, na seção “periscópio”, no caderno Ciência, de José Reis, especial para a FSP, com o título “Estrogênio e Alzheimer”. É a segunda matéria que trata exclusivamente de DA e cita a revista científica “*Scientific American*”(226,6,11) em que a pesquisadora Marguerite Holloway publica reportagem sobre experimentos em ratos e camundongos com a questão do estrogênio. Reis trata DA como sendo “mal de Alzheimer” por três vezes e somente uma vez, refere-se a DA como tal.

No dia 28/08/01, no caderno Ciência, da redação local com agências internacionais, com o título “EUA divulgam centros que têm célula-tronco”, informa que os Institutos Nacionais de Saúde dos EUA publicaram lista com dez centros de pesquisa de todo o mundo. Os centros têm um total de 64 linhagens de células-tronco embrionárias que podem ser usadas para pesquisa com financiamento do governo norte-americano.



A expectativa é a de que as células-tronco embrionárias possam ser usadas na regeneração de tecidos danificados em várias doenças, como DA, Parkinson e diabetes. A FSP chama na matéria a doença de Alzheimer como “mal de Alzheimer”.

No dia 31/08/01, no Painel do Leitor, Manoel Marcos Arruda, coordenador da Comissão de Saúde da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), discorda da matéria publicada no dia 12/08/01, com o título “Alumínio e doença de Alzheimer” (ver acima).

Na opinião do coordenador da Abal, a matéria pode induzir pacientes portadores da DA a “iniciar tratamentos quelantes que retiram metais do organismo à base de desferrioxamina (DFO).” O coordenador também trata a DA como “mal de Alzheimer”.

4. Pouco cuidado com o tema DA

Faz-se necessário distinguir o que Schudson (1978),²³ caracteriza como duas modalidades de jornalismo. Uma movida pelo ideal da “estória”, de caráter sensacionalista, no estilo discursivo e na seleção dos fatos prezando o gosto popular. A outra, pelo ideal da “informação”, por um discurso formal e na seleção factual voltada para a economia, política, questões urbanas e internacionais, a exemplo do que faz a FSP.

Lopes e Proença (2000),²⁴ destacam a observação, a exploração investigativa – com sua própria metodologia – na busca por fatos jornalísticos que realmente tenham relevância à sociedade.

O fator tempo exerce uma pressão intensa nos jornalistas e no mundo organizacional jornalístico. Se a ciência trabalha com o tempo – ela avaliza suas experiências – o jornalismo trabalha contra o tempo. Por isso, as rotinas de produção e a seleção ²⁵de notícias ²⁶.

Este estudo é exploratório e os primeiros dados indicam pouco cuidado por parte da mídia impressa nas questões ligadas às explicações ou definições sobre DA²⁷

²³ O sociólogo norte-americano Michael Schudson destaca o papel importante de duas modalidades de jornalismo que são definidas com mais vigor nos EUA, na última década do século XIX:

²⁴ LOPES, D.e PROENÇA, J.L(orgs). Jornalismo Investigativo. São Paulo: Publisher, 2003.

²⁵ Seleção como avaliação do acontecimento feita pelos jornalistas e também pelas empresas.

²⁶ Notícia entendida como o principal produto (perceível) do jornalismo e elaborada com a utilização de padrões industrializados.

²⁷ A FSP toma pouco cuidado ao definir a DA. A DA “é uma doença cerebral degenerativa primária de etiologia desconhecida, com aspectos neuropatológicos e neuroquímicos característicos. O transtorno é usualmente insidioso



Como exemplo, citamos as duas matérias publicadas no mês de agosto de 2001. Ambas citam periódicos científicos – “*Scientific American e New Scientist*” e foram elaboradas por José Reis da FSP. Não há explicação ao leitor sobre o que é DA nas duas matérias publicadas no dia 26/08/01, “Estrogênio e Alzheimer” e no dia 12/08/01, “Alumínio e Doença de Alzheimer”. Apenas considerações como “na amnésia característica do mal de Alzheimer”, na matéria do dia 26/08/2001. E “nas placas senis cerebrais características do mal de Alzheimer”, na matéria do dia 12/08/01.

Cabe ressaltar que a FSP em seu manual de redação, anexo de termos médicos, faz referência a DA como “mal de Alzheimer” e tem a sua própria definição para a doença²⁸. No entanto, o conceito é pouco utilizado pelos seus jornalistas quando da elaboração de matérias sobre DA para o jornal, mesmo com a advertência do veículo.²⁹

Também é visível que as notícias sobre a DA aparecem na FSP como acontecimentos específicos: um novo medicamento para tratar a doença; novas pesquisas publicadas por periódicos científicos; personalidades como o ex-presidente norte-americano, Ronald Reagan que morreu em decorrência de DA; mortes de pessoas famosas.

Das 14 matérias publicadas na FSP em agosto de 2001, apenas duas abordavam exclusivamente DA do ponto de vista do discurso médico e de pesquisadores da área. Doentes, cuidadores e familiares foram pouco ouvidos pela FSP no período. Além disso, a principal controvérsia encontrada: a abrangência do termo “mal” para designar a doença de Alzheimer.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. D.; FORLENZA, O. V.; BARRO S, H. L. **Demência de Alzheimer: correlação entre memória e autonomia**. Revista de psiquiatria clínica, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 131-136, 2005.

BORGES, Jorge Luis. *História da Eternidade*. São Paulo: Editora Globo, 2001.
_____. **Obras Completas**, volume 1, 1923-1949. São Paulo: Editora Globo, 1998

BERTRAND, C. J. **O arsenal da democracia: sistemas de responsabilização da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2002. 514p.

no início e se desenvolve lenta mais continuamente durante um período de vários anos” OMS. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). 10 ed. rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

²⁸ Mal de Alzheimer, “processo de deterioração do funcionamento cerebral. Perda progressiva de funções cognitivas, com prejuízo de atenção, memória e inteligência, gerando alterações de comportamento e dificuldade de adaptação psicossocial”. Manual de Redação. Folha de S. Paulo. 5.ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

²⁹ “Este anexo inclui alguns termos que provocam erros com frequência. Recomenda-se todo o cuidado ao redigir a respeito de questões médicas, inclusive consulta a especialistas da área” (Manual de Redação da FSP, pág. 193).



FORLENZA, O.V. **Doença de Alzheimer**. Disponível em: < http Acessado em março de 2006

LANDES, D.L` *heure qu'il est: les horloges, la mesure du temps e la formation du moderne*. Paris: Gallimard, 1987.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo, Editora Unesp, 2000. 438 pp

LOPES, D.; PROENÇA, J.L (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher, 2003

Folha de S. Paulo. **Manual de Redação**: 5.ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MOLOTCH, Harvey, LESTER, Marilyn. “**As notícias como procedimento intencional. Acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**”. In.: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. Questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993: 34-51. (Comunicação e linguagens).

OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde** (CID-10). 10 ed.rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, LR; MONTANÕ, MBM. **Distúrbios da memória e demência**. Revista Brasileira de Medicina, v. 57, p. 87-92, 2000.

ROGERS, E. Dearing, J. e Chang, S., (1991). “**A AIDS in the 1980's: The Agenda-setting process for a public issue. Journalism monographs**”, n. 128.

SANTO AGOSTINHO, **Vida e obra: confissões**. São Paulo: Nova Cultural,1996.

SOARES, Rosana L. **Imagens veladas, imagens re-veladas: narrativas da aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1997. Dissertação (mestrado), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SPOERRI, T.H. **Manual de psiquiatria; fundamentos da clínica psiquiátrica**. São Paulo: Editora Atheneu, 8ª.ed. 2000

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo. Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993: 34-51. (Comunicação e linguagens)

Artigos de jornais diários selecionados como fonte primária:

ALMEIDA, L.M. **A vida humana é sagrada**. Folha de São Paulo, 25 ago.2001. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/fsp/opinião/inde25082001.htm> Acesso em:dez.2004

GERHARDT, I. **Temor de eugenia influencia decisão na Alemanha**. Folha de São Paulo, 01 de ago.2001. Disponível em: : <<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde01082001.htm> Acesso em:dez.2004

KLINGER,K. **Hospital de SP estuda neurofibromatose**. Folha de São Paulo, 02 ago.2001. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/inde02082001.htm> Acesso em:dez.2004

REIS,J. **Alumínio e doença de Alzheimer**. Folha de São Paulo, 12 ago.2001. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde12082001.htm>. Acesso em: dez.2004



_____ **Estrogênio e Alzheimer.** Folha de São Paulo, 26.ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde262082001.htm>. Acesso em: dez.2004

ZIZEK, S. **Violência emancipadora.** Folha de São Paulo, 19 ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde19082001.htm>. Acesso em: dez.2004

CLONAGEM Proibida. Folha de São Paulo, 02ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/opiniaoinde02082001.htm> Acesso em: dez.2004

DECISÃO de Bush desagrada a todos os lados. Folha de São Paulo, 11 ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde11082001.htm> Acesso em: dez.2004

EUA debatem a clonagem no Congresso. Folha de São Paulo, 01 ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde01082001.htm> Acesso em: dez.2004

_____ **Divulgam centros que têm célula-tronco.** Folha de São Paulo, 28ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde28082001.htm> Acesso em: dez.2004

MÉDICO defende clonagem humana na Academia de Ciências dos EUA. Folha de São Paulo, 08ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde08082001.htm> Acesso em: dez.2004

OPORTUNISMO genético. Folha de São Paulo, 12 ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/inde12082001.htm> Acesso em: dez.2004

PAINEL do leitor. Alumínio. Folha de São Paulo, 31ago.2001. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/opiniaoinde31082001.htm> Acesso em: dez.2004

TIPOS e causa de insônia. Disponível em:
<<http://www.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/inde09082001.htm> Acesso em: dez.2004

Publicações científicas selecionadas como fonte primária:

ERBALDO, Hector.; MAURER, Konrad.; VOLK, Stheban. **Auguste D e Alzheimer's disease,** The Lancet. V. 349, p. 1546-49, 1997.

SWEDA, Edward L. **Desinformation.** Disponível em : <<http://bmj.com/cgi/320/7238/826/e>. acesso em dezembro de 2003.